



Vocativo gírio em redes sociais: *footing* e interação

Slang vocative in social media: footing and interaction

Flavio Biasutti Valadares¹
Thamires Rodrigues Gomes²

Resumo

O artigo aborda as relações entre *footing* e vocativo, especificamente nas interações cujos usos são feitos por meio de gírias, nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Objetiva analisar gírias em posição de vocativo e situar o alinhamento relativo à opção desse tipo de chamamento nas interações horizontalizadas. Embasa-se na Sociolinguística Interacional, por meio do escopo teórico de Gumperz (1982) e de Goffman (1967, 1974, 1979, 2002[1981]), assim como nos pressupostos conceituais de gírias (Preti; 1984, 2000). Além disso, utiliza, em específico, a conceituação de *footing* alçada por Goffman (1979), com vistas à verificação do enquadramento interacional pretendido pelo interactante ao lançar mão de um vocativo com a escolha de uma gíria para tal. Como procedimento metodológico, adota a recolha de gírias em posição de vocativo nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Conclui que o vocativo gírio contempla alinhamentos/enquadramentos que remetem a um comportamento que visa à interação em caráter específico quando o interlocutor compõe um mesmo grupo fechado, consolidando a noção conceitual de gíria.

Palavras-chave: Sociolinguística Interacional. Footing. Vocativo. Gíria.

Abstract

The paper approaches the relations between footing and the vocative in interactions whose uses are made through slang, in the social networks Twitter and Facebook. It aims at analyzing slangs in the vocative position and at locating the alignment related to the choosing of this kind of calling in horizontalized relations. It is based upon the Interactive Sociolinguistic, through the theoretical scope of Gumperz (1982) and of Goffman (1967, 1974, 1979, 2002[1981]), just as in the conceptual assumptions of slangs, Preti (1984, 2000); besides that, it uses, specifically, the concept of footing funded by Goffman (1979), in order to check the interactive framework intended by the interacting party by using a vocative with the choice of a slang to achieve that. As methodological procedure, it adopts the picking of slangs in vocative position at the social networks Twitter and Facebook. It concludes that the slang vocative contemplates frameworks that refer to a behavior that aims at the interaction in a specific character when the interlocutor composes a closed group, consolidating the conceptual notion of slang.

Keywords: Interactive Sociolinguistic. Footing. Vocative.Slang.

1. Introdução

Neste artigo, resultado de iniciação científica³, estabelecemos as realizações de *footing* – conceituado por Goffman (1979) como alinhamento, postura, posição, projeção do ‘eu’ de um interactante em sua relação com o outro, consigo mesmo e com o discurso em construção – a partir do uso de vocativo em interações contendo gírias, que foram recolhidas nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, à luz da base teórica da Sociolinguística Interacional. Nessa perspectiva, avaliamos o *footing* na relação entre o vocativo emanado e a adoção de uma gíria, por meio da descrição de processos de interação decorrentes dessa utilização para a configuração de um *footing*.

Inicialmente, a fundamentação teórica embasa-se na Sociolinguística Interacional que se funda, conforme Schiffrrin (1994), com Gumperz e com Goffman. Em seus termos, Gumperz (1982) baliza sua investigação na

¹ Pós-Doutorado em Letras/Mackenzie-SP, Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP, docente IFSP/Campus São Paulo. Endereço eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com

² Graduanda em Letras-Português/IFSP-Campus São Paulo. Orientanda de iniciação científica (PIBIFSP) na linha de pesquisa Estudos Analítico-Descritivos do Português do Brasil. Endereço eletrônico: thamiresgomes70@gmail.com

³ Pesquisa de iniciação científica (PIBIFSP – Edital 84/2017) e do Grupo de Pesquisa, certificado CNPq, Descrição do Português do Brasil/IFSP.

pressuposição de que o significado, a estrutura e o uso da linguagem são gerados social e culturalmente, sendo a linguagem um sistema simbólico que opera no nível macro-estrutural – relativo às identidades de grupo e às diferenças de *status* – e no nível micro – com a elaboração de significados contextualizados. Já Goffman (1967, 1974, 1979, 2002[1981]) investiga os procedimentos e práticas por meio dos quais os indivíduos organizam e dinamizam suas interações face a face.

Nesse ponto, é importante destacarmos que, nas interações do tipo que selecionamos, os participantes tendem a marcar *footings* pela maneira como elaboram/recebem-reelaboram um enunciado. Desse modo, a fim de analisar *footings*, devemos verificar como se constituem as identidades sociolinguísticas dos sujeitos envolvidos na interação. Nas palavras de Ribeiro e Garcez (2002), é preciso verificar a maneira como essas identidades emergem e se constituem no discurso, além de se examinar como podem afetar de forma sutil, porém definitiva, a interação no momento em que acontece.

Aqui, tomamos **discurso** com base na definição de Schiffrin (1994, p. 351), como sendo “inerentemente uma atividade interativa na qual o que uma pessoa diz e faz é duplamente uma resposta a palavras e ações anteriores e servirá de base para futuras ações e palavras”; e **conversa** nos termos de Goffman (2002[1981], p. 19): “socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificados e ritualmente governadas, em suma, um encontro social”, com vistas a esclarecermos de que lugar partimos para nossas análises, já que uma interação realizada em redes sociais, por meio de uma conversa virtual, também é uma construção de discurso. Além disso, **enquadre**, a partir do postulado de Bateson (2002[1981]), como um termo que designa um princípio do discurso e da organização social e que aponta para os papéis sociais desempenhados pelos interactantes, que podem gerar, a partir de diferentes posicionamentos e reposicionamentos, mudanças de alinhamento e, conseqüentemente, de enquadre.

Assim, partindo dos precursores da Sociolinguística Interacional, tem-se, de acordo com Pereira (2002, p. 8), que nela

são focalizadas interações situadas no relacionamento entre participantes de pequenos grupos de comunidades específicas ou no cruzamento cultural (cf. Bell, 1976:25-8). O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos (cf. Ribeiro e Garcez, 1998:11). Podem ser considerados, para estudo, tanto gêneros espontâneos, como a conversa entre amigos, gêneros produzidos em contextos institucionais, como uma consulta médica, uma entrevista, um debate acadêmico, uma aula, um sermão religioso, uma negociação empresarial, dentre outros (cf. Tannen, 1992:9) (PEREIRA, 2002, p. 8)

Nesse aspecto, nosso intento se justifica na opção de pesquisarmos os modos de interação em redes sociais que promovem interações alinhadas por meio da adoção de gírias como chamamento, ou seja, vocativos gírios estabelecidos via *footing*.

2. Fundamentação teórica

Tannen e Wallat (2002, p. 189) ressaltam que Goffman “introduziu o termo *footing* para descrever como os participantes enquadram os eventos e ao mesmo tempo negociam as relações interpessoais, ou ‘alinhamentos’ que constituem os eventos”. Para Goffman (1979),

uma mudança na base implica mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, conforme expresso na forma como administramos a produção ou a recepção de um enunciado. Uma mudança em nosso enquadre é outra maneira de falar sobre uma mudança em nosso quadro de eventos. [...] os participantes ao longo de suas conversas constantemente mudam de posição, sendo essas mudanças uma característica presente e constante em uma conversa espontânea. [Tradução nossa] (GOFFMAN, 1979, p. 5)⁴

Também é importante trazer o que Paiva sentencia a respeito: “a sua postura ou *footing* será fruto de uma interação mental, que consiste na seleção de papéis disponíveis para uma dada situação particular e uma interação social [...] baseado nas expectativas que tem e que julga que o outro tenha sobre ambos naquela situação” (PAIVA, 2013, p. 66), isto é, o modo de interação do interlocutor precisa se alinhar a uma dada situação, que define como sua relação com um ou mais participantes da interação ocorrerá, a fim de que se garanta a adoção da postura adequada para aquele evento comunicativo.

⁴ A change in footing implies change in the alignment we take up to ourselves and the others present as expressed in the way we manage the production or reception of an utterance. A change in our footing is another way of talking about a change in our frame of events. [...] participants over the course of their speaking constantly change their footing, these changes being a persistent feature of natural talk.

Nessa perspectiva, conforme Ribeiro e Garcez (2002, p. 70), “*footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais, papéis sociais, bem como intrincados papéis discursivos”. Considerando esse ponto, o *footing* precisa ser compreendido na perspectiva de sua construção e consequente transformação, de acordo com os discursos, à medida que a interação acontece. Goffman (2002[1981]) sustenta que uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento, ou seja, uma alteração segundo o modo como conduzimos e somos afetados na interação, visto que um *footing* modificado significa o estabelecimento do que assumimos para nós mesmos e para os outros na interação.

Nesse sentido, retomamos a noção de enquadre, originalmente proposta Bateson (2002[1981]), porque denota a ideia de que, por meio do enquadramento, é possível indicarmos tipo e natureza da interação em determinada situação. Ribeiro e Garcez (2002, p. 86) explicitam que os interactantes devem estar atentos aos enquadres, no que se refere, principalmente, aos sinais delimitadores e de contexto, já que isso irá “fornecer uma resposta adequada à situação presente e melhor corroborar a construção da comunicação em curso”. Dessa forma, é fundamental a compreensão de que *footings* e enquadres apresentam caráter dinâmico e função discursiva, devendo ser apreendidos e compreendidos considerando-se a situação em que a interação ocorre.

Nesse ponto, a ideia de contexto é assumida por nós, na perspectiva de Gumperz (1982), como processo inferencial. Além disso, sua noção de pistas de contextualização, como sendo constituídas sociolinguisticamente, abarca nosso ponto de vista quanto aos dados selecionados, isto é, de que, para sinalizar ou inferir intenções na interação ou para inferir intenções conversacionais em uma interação, elas são primordiais no que se refere ao êxito do conjunto que fornece aos interactantes (*input* significativo) para a consecução do processo interativo, sendo validados e reconhecidos conjuntamente pelos participantes da interação.

Em relação ao vocativo, primeiramente, é importante frisarmos que, segundo Penhavel e Guerra (2013, p. 119),

sob um ponto de vista gramatical, diferentes autores variam entre tratar os vocativos como termos acessórios ou como termos isolados em relação à estrutura sintática da oração ou ainda entre tratá-los como elementos definíveis em relação à oração ou como enunciados próprios. As abordagens diversificam-se também quanto à perspectiva de análise, sendo os vocativos estudados não só em termos gramaticais, mas também sob pontos de vista discursivos, enunciativos, conversacionais etc. (PENHAVAL E GUERRA, 2013, p. 119)

Aqui, tratamos o vocativo na perspectiva de um ato de interação, visto que sua função primeira é a de chamar o interlocutor, interpelá-lo, invocá-lo, isto é, trazê-lo para a ação de interagir. Nesse sentido, Dik (1997, p. 384) atesta que eles representam “estratégias para alcançar a atenção do interlocutor e assegurar seu desejo de participar do evento discursivo”. Moreira (2013, p. 12) explica que “o vocativo é uma forma nominal que parece ser concebida como um constituinte que não faz parte da configuração estrutural dasentença”. A autora sentencia que os vocativos podem ser correferentes com um dos argumentos da oração, o que encontra eco em nossa perspectiva de análise do uso de gírias, visto que encontramos vocativos gírios em todas as posições das estruturas oracionais, o que mostra que o ataque pragmático se desenrola também conforme a posição adotada pelo interlocutor que introduz o chamamento.

Acerca de gírias, Preti (1984) as caracteriza como um vocabulário especial, sendo considerado um signo de grupo, secreto a princípio, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita. Ele afirma que o sentimento de união entre os membros de um grupo terá a gíria como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de também ser uma forma de autoafirmação.

Em específico, para nossa pesquisa, trazemos o que assinala Trask (2004, p. 124) a respeito da gíria: “costumam ser introduzidas por membros de um grupo social particular; podem continuar sendo típicas desse grupo e servir como uma de suas marcas de identidade ou, ao contrário, tornar-se mais amplamente conhecidas e usadas”. Outro aspecto importante abordado por Trask (2004, p. 125) é que a gíria “tem sido descrita como *língua em estado de jogo*, isto é, as melhores gírias são pitorescas, exuberantes, espirituosas e fáceis de lembrar”.

Por fim, é importante destacar que nos amparamos na base teórica Sociolinguística Interacional, bem como na conceituação atualmente estabelecida para gírias e na abordagem de *footing*, termo cunhado por Goffman, a fim de ratificar nossos objetivos: analisar gírias em posição de vocativo e situar o alinhamento relativo à opção desse tipo de chamamento nas interações horizontalizadas. Em paralelo, situamos nosso leitor sobre o fato de que, apesar de os conceitos dialogarem entre si, não pertencem a um único campo teórico.

3. Metodologia, análise e resultados

Como procedimentos metodológicos, selecionamos o *corpus* de pesquisa nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, no período de 2 semanas, partindo de gírias já conhecidas e observadas, como *mana(o)*, *men(man)*, *viada(o)*, *bee*,

miga(o), *parça* e *cachorrão*. Para tanto, utilizamos o mecanismo de busca (ferramenta aplicada para localizar postagens que contenham determinadas palavras) das redes sociais escolhidas para encontrar postagens em que tais palavras são empregadas, verificando a situação de uso e observando as interações via comentários.

Foram coletadas, então, postagens entre os dias 29 de abril e 14 de maio, a partir da aplicação do mecanismo de busca selecionado para os *profiles* pré-estabelecidos: homens heterossexuais, comunidade LGBT e mulheres em geral, sem distinguir orientação sexual. Selecionamos as gírias que figuraram como vocativos, que foram compiladas em três conjuntos de acordo com os grupos sociais nos quais elas foram utilizadas. Dessa maneira, elegemos três grupos de interação, sendo eles compostos por: 1) gírias utilizadas por homens heterossexuais, 2) gírias utilizadas pela comunidade LGBT e 3) gírias utilizadas por mulheres em geral, sem distinguir orientação sexual. A seguir, a análise dos casos selecionados:

Perfil 1

Exemplo 1



Twitter, 2018

Selecionamos *parça*, que, como uma redução de “parceiro”, também sugere intimidade entre seus usuários. Apesar de, na postagem selecionada (Exemplo 1), o locutor não endereçar seu discurso a algum interactante específico, observamos que ele faz referência a outro discurso (feminismo). O locutor desqualifica-o ao utilizar entonação de zombaria, que pode ser observada pela presença da expressão “pelo amor” (redução de “pelo amor de Deus!”), que sugere indignação, assim como os caracteres indicando risada (deboche). Aqui, o enquadre pretendido pode ser inferido a partir da noção de coletivo dos “machos”, que se alinhariam pelo conteúdo semântico-pragmático sugerido por “parça”. Mesmo existindo um alinhamento inicial proposto pelo interactante que postou, a resposta à postagem, contudo, “pede para ser atacado”, sugere uma discordância com o discurso anteriormente exposto, revelando que não houve êxito no trabalho de *footing*.

Outro termo selecionado é *men(man)*, do inglês “homem”, que tem sentido semelhante a “cara” e “mano”, e é utilizado, no geral, por homens heterossexuais que se associam à direita política. No exemplo 2, a seguir, identificamos alinhamento, visto que o interactante 2 respondeu à fala do interactante 1 (que lhe deseja feliz aniversário utilizando a gíria *man*) com um agradecimento seguido de uma variação da mesma gíria.

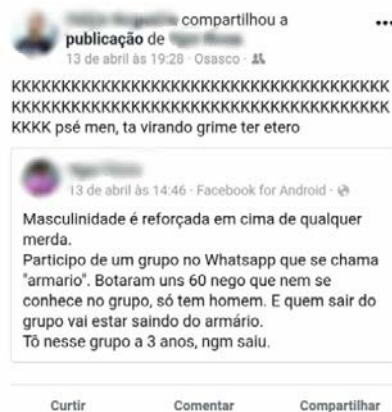
Exemplo 2



Facebook, 2018

Observamos, ainda, outro uso da gíria:

Exemplo 3



Facebook, 2018

Exemplo 4



Facebook, 2018

Nos casos acima (Exemplos 3 e 4), notamos metadiscursividade na interação, já que o interactante 1 faz menção a um discurso alheio (o de resistência das minorias LGBT), utilizando-se de tom de zombaria (evidenciado pelos erros, propositais, na escrita das palavras) para desvalorizá-lo ao afirmar que “está virando crime ser hétero”.

Um novo *footing* é introduzido, no entanto, quando o interactante 2, parecendo não entender ou não compartilhar da entonação utilizada, mostra uma opinião diferenciada. Embora se utilize da mesma gíria, critica o fato de a masculinidade ser facilmente questionada devido às normas socialmente estabelecidas e reiteradas do que é “ser homem”. Notamos, também, alinhamento entre a fala do interlocutor e de outro interactante, que responde à postagem com um “psé” (abreviação de “pois é”), demonstrando concordar com aquele discurso.

Nessa perspectiva, entendemos que os enunciados são incorporados por *frames* (enquadres) que organizam o discurso e orientam os participantes em relação à situação encenada, podendo ser alterados dentro das interações a partir de mudanças na *posição*, na *postura* ou no *alinhamento* (GOFFMAN, 1979) assumidos pelos participantes daquela situação interativa específica, o que pôde ser observado nos exemplos apresentados.

A gíria *cachorrão* (Exemplo 5), que teve seu surgimento no *funk* e é utilizada para designar homens considerados namoradeiros – popularmente chamados “pegadores” –, é empregada, com uma conotação positiva, como uma brincadeira entre amigos, para parabenizar um dos interactantes, que faz uma piada sobre ter parado de beber utilizando os caracteres “kkkkk” – forma adotada entre internautas para indicar humor.

O interactante 1 se utiliza, também, dos mesmos caracteres em sua resposta, mostrando entender a situação proposta pelo interactante 2, o que mostra alinhamento entre os participantes. O interactante 4, por sua vez, também o parabeniza, utilizando a palavra “viadinho” – diminutivo de “viado”, gíria utilizada, em sua maioria, na amostra selecionada, por homens heterossexuais (grupo 1) e com uma carga pejorativa. O interactante 2 curte o comentário, sugerindo que não se incomodou, enquanto o interactante 3 utiliza a palavra *puto* ao dizer “Tmj seu putoo!” (abreviação de “tamo junto”), que não foi vista como uma ofensa pelos outros interactantes, sugerindo companheirismo. Houve, portanto, alinhamento entre todos os participantes da interação a partir dos vocativos utilizados.

Exemplo 5



Twitter, 2018

A mesma situação, entretanto, não ocorre na segunda postagem selecionada (Exemplo 6), em que há, também, uso da gíria *viado*, utilizada com o intuito de ofensa, que não é disfarçada como uma brincadeira entre pessoas que compartilham certa afetividade:

Exemplo 6



Twitter, 2018

Na postagem acima, o interactante 1 utiliza-se de metalinguagem para fazer referência a um outro discurso – proferido por pessoas que defendem que as condições sociais do indivíduo influenciam em suas escolhas e, portanto, devem ser consideradas. O interactante cita esse discurso indiretamente, invalidando-o em sua postagem, que é comentada pelo interactante 2, que discorda do que foi dito, com rudeza, ao afirmar que o outro está falando “bosta demais”; não gerando, dessa forma, alinhamento na interação. Ele faz, em sua fala, uso de outro discurso, comparando o interactante 1 a cidadãos da Idade Média que apoiavam a queima de bruxas na fogueira, comentário respondido pelo interactante 3, que, por sua vez, replica com a fala “cala boca seu merda, viado do caralho” – utilizando-se do termo *viado* como um xingamento, ou seja, com conotação pejorativa, intensificada pelo uso de “do caralho” em posição adverbial.

Nas palavras de Bottema-Beutel (2011), mudanças no *footing* implicam mudanças de alinhamento, que são expressas na forma como o participante da interação produz e recebe enunciados. Na interação analisada anteriormente, inferimos as intenções comunicativas dos participantes através das pistas linguísticas utilizadas, as quais refletiram um não alinhamento na interação, enfatizado pelo léxico escolhido pelo interactante 2, que demonstrou receber o enunciado com uma não concordância, o que gerou sua entonação carregada de rudeza; não ocorrendo, assim, alinhamento.

De outro modo, a mesma gíria vem sendo utilizada pela comunidade LGBT (grupo2) numa tentativa de ressignificação, cujo uso pode ser observado na postagem a seguir:

Exemplo 7



Facebook, 2018

O interactante 1 escreve, no exemplo 7, em comemoração aos 4 anos de amizade com o interactante 2, na rede social *Facebook*: “4 anos já viado? Meu Deus”, em que o uso, dessa vez, sugere tom de companheirismo, reiterado pelo interactante 2, que, percebendo as pistas linguísticas e extralinguísticas do discurso, responde com “4 anos de amor pela senhora”, seguido de uma série de *emoticons* de coração, o que sugere tom carinhoso – havendo, assim, enquadre; que é modificado, em seguida, pelo interactante 1, que, desacreditando do discurso do amigo, responde com “sei, só observo” – o que inferimos se tratar de uma fala carregada de entonação irônica, a qual o outro responde com um *emoticon* sugerindo gargalhadas, evidência linguística que mostra que entendeu a situação proposta e se alinhou à postura adotada no discurso.

Perfil 2

Do grupo 2, selecionamos a gíria *bee*, que surgiu como uma variação de *bi* (redução de “bissexual”), mas que é utilizada na comunidade LGBT para chamar pessoas pertencentes ao grupo no geral, não apenas bissexuais.

Exemplo 8



Facebook, 2018

No exemplo 8, a interactante 2, compreendendo o contexto em que ocorre o enunciado, sustenta o *footing* estabelecido pela interactante 1, evidenciado pelo uso da gíria *bee*, a partir da repetição desta e da representação (escrita) de entonação entusiasmada – que pode, por sua vez, ser observado pelo uso das maiúsculas, em “AI GENTE”, seguido de *emoticons* carinhosos. A interactante 2, dessa forma, organizou seu discurso levando em conta o contexto, sua interactante e o conteúdo conversacional para definir qual seria sua postura, demonstrando percepção do sentido que a interlocutora deu à interação (intimidade). A participante, assim, demonstrou compreender a metagem contida no enunciado, o que, de acordo com Bateson (2002[1981]), seria a função do enquadre – ou seja, organizar o discurso, orientando os participantes acerca da situação interativa.

O tom de carinho é sustentado, então, pela interactante 1, que escreveu a postagem, ao dizer que está com saudades. Além disso, ela introduz um novo *footing* ao dizer estar chateada por não encontrar a (aparentemente) amiga no bate-papo, comentário que não é respondido. Uma terceira interactante aparece na situação, adotando um novo *footing* ao anunciar, com caracteres que representam risada (intensificada pela presença de maiúsculas), que o dia específico da foto foi “brisante” – adjetivo derivado de *brisar*, verbo que é utilizado para definir uma perda de noção momentânea. Essa mesma interactante ainda utiliza, em sua fala, a gíria *velho*, usada por adolescentes e jovens adultos no geral (aqui não analisada por não estar entre as selecionadas nesta pesquisa).

Outra gíria utilizada por esse mesmo grupo (Exemplo 9) é *POC*, que surgiu como uma tentativa de imitação do som de saltos altos batendo no chão e empregada, no início de seu surgimento, para definir homens gays afeminados. Atualmente, porém, é utilizada pela comunidade LGBT (em sua maioria, por homens gays) como um xingamento, o que pode ser ilustrado pelo exemplo a seguir:

Exemplo 9



Twitter, 2018

A postagem acima notifica o fato de a cantora Aline Barros ter afirmado, a partir de uma negação, não concordar com a homossexualidade. A criadora da postagem não deixou clara sua posição sobre o discurso da cantora, que, entretanto, foi sustentado pela interactante 1 ao afirmar que a cantora mencionada “não é obrigada a concordar com nada”, apenas respeitar. Fazendo referência a esse discurso e o desqualificando por classificá-lo como um normalizador da homofobia, o interactante 2 chama a anterior de *POC*, como uma ofensa, o que gera uma ameaça à face. Outra interactante, percebendo a situação da interação, utiliza-se da mesma gíria, corroborando com o discurso da interactante 1 e apenas alterando algumas palavras.

Aparecem, então, outros dois interactantes: o primeiro deles introduz um novo *footing* ao afirmar que ninguém perguntou (a opinião da cantora), que é modificado por outro interactante, que recorre à ideia de liberdade de expressão (de que qualquer coisa pode ser dita), utilizando a gíria *amore*, carregada de entonação irônica, que pode ser depreendida levando-se em conta o contexto da interação. A escolha lexical e a entonação utilizada introduzem um novo *footing*, sustentado pelo interlocutor quando este se utiliza, também, de tom irônico e debochado, o que pode ser observado pela presença da indagação “jura?”, seguida da afirmação “nem sabia” (que, pelo contexto da interação, podemos classificar como irônica) e “anotado, amore”.

A seguir, nos exemplos 10 e 11, outro uso da mesma gíria:

Exemplos 10 e 11



Twitter, 2018 Twitter, 2018

Na interação acima, notamos que o discurso do interactante 1 é carregado de ironia em relação à cantora mencionada, referindo-se à música como aquela “que ninguém conhece”. O interactante 2, contudo, um ouvinte nãoendereçado, introduz um novo *footing* ao não corroborar com o discurso irônico, deslegitimando a afirmação do interactante 1 ao classificá-la como mentira e dizer-lhe para apagar, pois a música é elegível ao certificado, o que não significa que a gravadora da cantora mencionada pagará para tornar a certificação oficial. O interactante 1, então, percebe o tom atribuído à mensagem e utiliza a gíria *POC*, carregada de sentido negativo, ou seja, introduz um novo *footing* ao desqualificar seu interactante.

Nos exemplos acima, identificamos que, embora tenham ocorrido discordâncias em relação ao tópico abordado na interação, os participantes demonstraram compreender a situação comunicativa e, assim, os *enquadres* propostos, corroborando a perspectiva de Mendonça e Simões (2012) de que os quadres estão sempre presentes nas interações, permitindo a identificação de regras e de instruções que orientam determinada situação, bem como o envolvimento dos atores nela.

Perfil 3

No grupo3, selecionamos a mesma gíria, por ser também utilizada por esse grupo, como na postagem abaixo (Exemplo 12):

Exemplo 12



Twitter, 2018

Como um sinônimo de “mana”, a gíria sugere intimidade entre as usuárias e, na postagem em questão, não é utilizada para chamar uma pessoa específica, mas as seguidoras da interactante no geral, sugerindo em sua fala que devem “chorar” – com sentido semelhante a invejar, admirar. Embora não seja diretamente mencionada na postagem, a interactante 2 se alinha ao discurso da locutora, elogiando-a, o que é reiterado pela interactante 1, que concorda, utilizando-se de *emoticons* apaixonados.

Nesse caso, podemos entender que o enquadre se aproxima da noção de contexto, por oferecer aos participantes da situação delimitada regras implícitas que permitem identificá-la, e, desse modo, alinhar-se (ou não) a ela, produzindo diferentes *footings*. Assim, é necessário que o participante da interação esteja atento – e compreenda – a situação que está sendo encenada (GOFFMAN, 1979) para, então, fornecer uma resposta adequada, gerando alinhamento, como ocorreu na exemplificação anterior.

Os três perfis

Também selecionamos exemplos que foram utilizados pelos 3 grupos, porém com construções de interação distintas, como *bixa* – utilizada como sinônimo de viado, inicialmente para designar, de forma pejorativa, homens gays considerados afeminados. A palavra, contudo, vem sendo ressignificada pela comunidade LGBT, que a utiliza para, em tom de amizade, designar pessoas no geral.

Esse contraste de usos pode ser observado nas postagens (Exemplo 13), a seguir:

Exemplo 13



Twitter, 2018

No exemplo acima, podemos notar que não houve alinhamento, visto que o interactante 2 não parece concordar com a opinião expressa pelo interactante 1, que faz referência a um outro discurso – do treinador de futebol Fábio Carille –, invalidando-o ao classificá-lo como “mimimi”. O interactante 2 responde em tom de agressividade, que pode ser identificado pela presença de *bixa*, utilizada como ofensa.

A ocorrência, no entanto, contrasta com os usos dos grupos 2 e 3, que carregam um sentido diferenciado. Podemos observar que a gíria foi ressignificada pela comunidade LGBT e, então, apropriada por garotas no geral – como uma espécie de sinônimo de *miga*, que, por sua vez, é uma redução da palavra “amiga” (Exemplos 14 e 15).

Exemplo 14



Twitter, 2018

Exemplo 15



Facebook, 2018

Observamos que, no exemplo 14, a interactante 1 afirma estar cansada de se apaixonar por homossexuais, e a interactante 2, utilizando *bixa* como um sinônimo de *miga* – o que insinua intimidade entre ambas –, introduz um novo *footing*, sugerindo a ela que saia da situação exposta. A interactante 1, por sua vez, reafirma seu discurso e se utiliza da palavra *mirmã* (tentativa de modificação de *mermão* que, por sua vez, é formada por aglutinação, em que houve a junção de “meu” e “irmão”, com uma alteração no radical -meu e supressão do -ir).

No exemplo 15, por sua vez, notamos que há enquadramento, pois a interactante 2 se utiliza da mesma entonação animada da interactante 1, sustentando a situação introduzida por ela – que pode ser percebida por meio das pistas linguísticas e extralinguísticas, como o uso da gíria e tom de animação (evidenciado pela pontuação exclamativa), além da fala carregada de tom carinhoso e sugestão de intimidade entre ambas, evidente em “Deus sabe de todas as coisas, em?”, o que suscita a ideia (subentendida) de que já compartilharam diversas histórias ou situações juntas, que são muitas para serem mencionadas.

Nesse ponto, cumpre-nos esclarecer que, conforme Porto (2004),

tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta ‘O que está ocorrendo aqui?’. Neste enfoque, enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais. (PORTO, 2004. p. 78)

Dessa maneira, enquadramentos emergem como molduras que permitem ao participante da interação identificar a situação e, assim, o posicionamento esperado perante ela, o que garantiria sucesso no alinhamento, acontecimento que pôde ser devidamente ilustrado no exemplo anterior, em que, a partir de pistas de contextualização – definidas por Gumperz (1982) como pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor, os interactantes puderam assumir os *footings* esperados.

Assim, chegamos ao final da análise tendo mostrado como o uso de vocativos gírios promove *footings* (ou não) como consequência da interação construída no jogo metacomunicativo que se constitui, considerado o modo como os interactantes enquadram suas perspectivas na relação que estabelecem ao optar por vocativos gírios.

4. Considerações finais

Neste artigo, expusemos os resultados de uma pesquisa sobre vocativos gírios e *footing*, na perspectiva de analisar como gírias em posição de vocativo se alinham nas interações horizontalizadas. Para chegarmos ao resultado aqui exposto, recolhemos gírias em posição de vocativo nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, considerando grupos de usuários específicos.

Nesse sentido, cumpre-nos recordar que a Sociolinguística Interacional, por meio do escopo teórico de Gumperz (1982) e de Goffman (1967, 1974, 1979, 2002[1981]), assim como nos pressupostos conceituais de gírias (Prete; 1984, 2000), embasou nosso percurso de análise, propiciando-nos verificar o enquadramento interacional pretendido pelo interactante ao lançar mão de uma gíria na posição de vocativo.

Concluimos que o vocativo gírio contempla alinhamentos/enquadramentos que remetem a um comportamento que visa à interação em caráter específico, quando o interlocutor compõe um mesmo grupo fechado, consolidando a noção conceitual de gíria, bem como a ideia de que as escolhas de vocábulos gírios na posição de vocativo remete a usos que denotam o percurso discursivo-interacional pretendido pelo interactante.

Referências

- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.) *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 85-106.
- BOTTEMA-BEUTEL, K. The negotiation of footing and participation structure in a social group of teens with and without autism spectrum disorder. *Journal of Interactional Research in Communication Disorders*, California, v. 2.1, 2011.
- DIK, S. *The Theory of Functional Grammar: complex and derived constructions*. 2. ed. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.
- FERNANDES, C. A. Contribuições de Erving Goffman para os estudos linguísticos. *Cadernos de linguagem e sociedade*, Brasília, v. 4, 2000.
- MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *RBCS*, [S. l.], v. 27, n. 79, 2012.
- GOFFMAN, E. *Interactional ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon Books, 1967.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
- GOFFMAN, E. Footing. *Semiotica*, [S. l.], v. 25, n. 1-2, p. 1-30, 1979.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.107-148.
- GUMPERZ, J. J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- MOREIRA, J. C. *O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no português brasileiro*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- PAIVA, G. M. F. *A influência da terceira parte na mudança de footing em chats educacionais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- PENHAVEL, E.; GUERRA, A. R. Vocativos e o traço “basicamente orientador da interação” na Gramática Textual-Interativa. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 107-129.
- PEREIRA, M. das G. D. (org). Interação e Discurso: estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/Áreas de interface. *PaLavra*, [S. l.], v. 8, p. 7-25, 2002.
- PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambu. *Anais* [...]. Caxambu: ANPOCS, 2002.
- PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). 2. ed. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Oxford: BasilBlackwell Press, 1994.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/ consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 183-214.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004. 368p.

Submetido em: 14/06/2018

Aceito em: 1º/10/2018